

O ELENCHUS NO TEETETO

Gabriel Zaccaro¹

RESUMO: O elenchus é o método pelo qual Sócrates evidencia as incoerências entre a tese e o sistema de crenças de seu interlocutor. Na visão de Gregory Vlastos, entretanto, o método utilizado por Sócrates no Teeteto não é elêntico porque ele não visa a refutação direta da tese inicial de Teeteto. Argumentando contra a visão de Vlastos defendendo que Sócrates constrói ao final da primeira parte do diálogo objeções fundamentadas em premissas aceitas por Teeteto que culminam no objetivo clássico do elenchus, isto é, a evidenciação de incoerências no sistema de crenças de seu interlocutor, frequentemente o levando a um estado de *aporia*. Além disso, argumento que mesmo que aceitássemos o argumento de Vlastos, isto é, o de que Sócrates não tivesse de fato refutado a tese original de Teeteto, e sim uma tese criada por ele próprio, que combinasse tese de Teeteto com a de Protágoras, mesmo assim ainda poderíamos defender que o método é elêntico, pois Teeteto consente com as premissas que combinam a sua tese a tese de Protágoras, favorecendo assim o início de um diálogo propriamente elêntico.

PALAVRAS-CHAVE: Elenchus. Teeteto. Platão. Maiêutica. Método socrático.

THE ELENCHUS IN THE THEAETETUS

ABSTRACT: The elenchus is the method through which Socrates shows the incoherences between the thesis and the belief system of his interlocutor. In Gregory Vlastos' view, however, the method employed by Socrates in Theaetetus is not elenctic because it does not aim for the direct refutation of Theaetetus's initial thesis. Arguing against Vlastos I defend that Socrates builds at the end of the first part of the dialogue objections grounded in premises accepted by Theaetetus which culminate in the classic objective of the elenchus, that is, the disclosure of incoherences within the interlocutor's belief system, often leading him into a state of *aporia*.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Furthermore, I argue that even if accept Vlastos' argument, that is, that Socrates had not refuted Theaetetus's original thesis, but a combination of Theaetetus's thesis and that of Protagoras, we could still defend that the method is elenctic because Theaetetus agrees with the premises that equal his thesis to that of Protagoras, favoring, thus, the beginning of a properly elenctic dialogue.

KEYWORDS: Elenchus. Theaetetus. Plato. Maieutic. Socratic method.

1. INTRODUÇÃO

De maneira geral, o elenchus é usualmente conhecido por ser o método por meio do qual Sócrates buscava evidenciar crenças infundadas de seus interlocutores, e que eram erroneamente tomadas por eles como conhecimento genuíno. O método consistiria em questionar o interlocutor a respeito de determinado tema de modo a pedir-lhe uma definição sobre algum conceito, uma pergunta no formato de “O que é X?”. A partir da resposta do interlocutor, Sócrates propõe outras premissas plausíveis e leva seus interlocutores a concordarem com estas (VLASTOS, 1991).² Contudo, a partir da aceitação de tais premissas, Sócrates tira uma nova conclusão, que logicamente se segue de tais premissas, mas que nega a primeira tese assentida pelo interlocutor. Dessa maneira, o elenchus de Sócrates permitia que fosse revelado a seus interlocutores que seu conjunto de crenças era inconsistente, pois eles aceitavam, em simultâneo, teses contraditórias.

Como consequência, os diálogos platônicos nos quais existe o uso do método refutativo do elenchus são diálogos em que Sócrates conduz seus interlocutores primeiramente de um estado de suposta autoridade

² Vlastos (1993), baseando-se no artigo “Dialética” de Rolland Hall (1967), explicita que é errônea a ideia de que Sócrates levava seus interlocutores a suscitar uma conclusão contrária a sua tese original. Na verdade, era Sócrates quem surgia com essa conclusão, contudo ele levava o interlocutor a concordar que ela era, em consequência das premissas adicionais previamente aceitas, uma conclusão logicamente inconsistente com a tese original do interlocutor.

epistêmica até um estado de *aporia*.³ Dessa forma, podemos afirmar que o método do elenchus está fundamentado na busca por uma aproximação do conhecimento verdadeiro por meio da exposição da ignorância dos homens. A única maneira, segundo Sócrates, de nos aproximarmos do verdadeiro conhecimento, seria através do processo de nos tornarmos conscientes de nossas próprias crenças infundadas, para evitar que as tomássemos por conhecimento genuíno.

Neste trabalho, trato de uma pergunta específica em relação ao elenchus e a obra de Platão, a nomear, se o método utilizado por Sócrates no diálogo platônico *Teeteto* realmente pode ser denominado como elenchus. Esse problema é apresentado por Vlastos em seu livro “Socrates: Ironist and Moral Philosopher”, no qual ele propõe a ideia de que o método utilizado por Sócrates em seu diálogo com Teeteto difere de tal maneira do elenchus dos primeiros diálogos, que não poderíamos considerá-lo como uma forma de elenchus (VLASTOS, 1991, p. 266). No entanto, como veremos, existem autores que defendem uma posição intermediária, na qual o método socrático em discussão se trate de uma versão mais rica do elenchus (FERREIRA, 2016, p. 18), ou até mesmo assumem de antemão que de fato seja o elenchus (LABRIOLA, 2015; LOH, 2019).

Esse problema também advém, em partes, do entendimento de que o diálogo do Teeteto é um diálogo tardio de Platão, e nesse estágio, Platão já não escrevia mais diálogos representando o método refutativo de Sócrates que visava a *aporia*. Apesar de não ser mencionada no diálogo, Platão já

³ O termo *aporia* se refere a dificuldade na qual se encontra o interlocutor diante de uma questão filosófica aparentemente insolúvel. De acordo com Janaina Barbosa da Silva, “A *aporia* é o último estágio do método maiêutico que se dá quando os dois interlocutores debatem sobre uma definição, buscando uma resposta e se deparam com as contradições das respostas dadas à pergunta, deste modo é da contradição que resulta na *aporia*, que ao mesmo tempo invalida a resposta e as pretensões do interlocutor ao saber.” (SILVA, 2017, p. 28)

havia desenvolvido sua Teoria das Formas e, em decorrência disto, acredito que exista certa resistência para designar o método utilizado no Teeteto como elêntico, apesar de o Teeteto ser um diálogo aporético. Isso se dá, primeiramente, por se situar distante cronologicamente dos diálogos elênticos clássicos, mas também por apresentar algumas características que mostram que o método utilizado no Teeteto não segue o mesmo padrão do método dos primeiros diálogos.⁴

Com este trabalho, no entanto, mostro que as diferenças do Teeteto relativamente aos diálogos concebidos como inerentemente elênticos não são suficientes para que possamos defender plausivelmente que o método do qual Sócrates se utiliza no Teeteto não é uma vertente do elenchus. Contrariamente a isto, defendo, na verdade, que as semelhanças apontam para que o método utilizado por Sócrates no Teeteto se trate de uma versão mais rica do elenchus, uma na qual Sócrates não visa somente refutar crenças infundadas do interlocutor, mas sim investigar conjuntamente a natureza do conhecimento.⁵

2. DEFINIÇÃO DO ELENCHUS

Antes de apresentar a estrutura básica do elenchus, vale notar que a definição de elenchus é uma temática problemática por si só. Isso se dá, porque a maneira como Sócrates conduzia o diálogo com seus interlocutores

⁴ Os primeiros diálogos são diálogos nos quais, segundo Vlastos (1993) o método socrático do elenchus é empregado. (Apologia, Cármites, Críton, Eutífron, Górgias, Hípias Menor, Íon, Laques, e Protágoras, e República I. Excluídos da lista: Eutidemo, Hípias Maior, Menexenus e Lísis).

⁵ Contudo, como veremos adiante, como a busca do Teeteto também termina em um estado de aporia, alguns autores defendem que a finalidade visada por Platão no diálogo do Teeteto era a de demonstrar que o método socrático do elenchus era incapaz de gerar teses filosóficas positivas, podendo ser utilizado somente para tarefas dialéticas de refutação (MATTHEWS, 2009).

era variada. Os diálogos iniciais, nos quais encontramos o que a maioria dos acadêmicos aceita como o método elêntico, se baseiam em uma concepção do elenchus tal como foi apresentada por Vlastos. Contudo, é importante ter em mente que existem as mais diversas posições em relação ao que de fato caracterizaria o método elêntico. As posições variam de comentadores que discordam entre si sobre a possibilidade de formularmos explicitamente um método elêntico, ou até mesmo sobre até que ponto o próprio Sócrates estaria consciente do método que utilizava (CARPENTER; POLANSKY, 2021).

A visão padrão, contudo, entende o elenchus como um método que visa a refutação de teses assentidas pelo interlocutor. Aqui, assumimos uma visão pouco restritiva sobre o significado de “refutação”, tomando refutações como instâncias nas quais se colocam (pelo questionador) uma ou mais perguntas ou afirmações, que dificultam (para o respondente) manter uma determinada crença, previamente proclamada (CARPENTER; POLANSKY, 2021, p. 90). Em visões desse tipo é predominante a ideia de que apesar de visar a refutação das teses assentidas pelo interlocutor, o método elêntico não era *erístico* por natureza, isto é, sua finalidade última não era baseada na vitória ou derrota dos participantes. Um ponto de confusão é que obviamente o elenchus possui uma dinâmica adversarial. Contudo, o método elêntico, em sua grande maioria, sempre foi definido como uma atividade voltada para a busca conjunta da verdade. O que deve ficar claro é que somente porque o elenchus se dê de maneira adversarial, isto não implica na necessidade de uma finalidade simplesmente erística.

Com essas considerações em mente, apresentamos a definição de Gregory Vlastos do elenchus socrático, que pode ser encontrada nos seguintes trechos:

O método pelo qual Sócrates “examina a si mesmo e os outros”, o qual denomino “o elenchus” ao decorrer desse livro, envolve a forma de argumento o qual Aristóteles chamaria de “peirástico”: uma tese é refutada quando, e somente quando, sua negação é derivada “das crenças do próprio respondente” E a única restrição que Sócrates impõe a seus respondentes, aparte de dar respostas curtas e diretas, é que eles digam somente o que acreditam. (VLASTOS, 1991, p. 111, minha tradução)

O elenchus socrático é uma busca por verdades morais por meio de uma argumentação adversarial de perguntas e respostas no qual uma tese é debatida somente se é identificada como uma crença do próprio respondente e é tida como refutada somente se sua negação é deduzida a partir de suas próprias crenças. (VLASTOS, 1993, p. 4, minha tradução)

A definição de Vlastos suscita algumas características importantes e inerentes ao método socrático. A primeira é que, como notamos anteriormente, o elenchus possui uma dinâmica adversarial de perguntas e respostas. Isso significa que existem dois participantes, um questionador e um interlocutor. O papel do questionador, como o próprio nome sugere, é primeiramente, colocar a questão a ser debatida, assim como, após a resposta do interlocutor (a proposição de sua tese), propor questões para examinar quais premissas adicionais são, simultaneamente a sua tese, assentidas pelo interlocutor. Já o papel do interlocutor era o de responder às perguntas postas pelo questionador. Contudo, não era suficiente responder às perguntas da maneira mais conveniente. O interlocutor devia responder às perguntas da maneira mais honesta possível. Isso é explicitado por Sócrates como uma característica necessária do elenchus. Isto porque, tendo em vista que a finalidade última do elenchus era purificar os indivíduos de suas crenças infundadas visando a

verdade, era necessário que o interlocutor respondesse os questionamentos de Sócrates de acordo com aquilo que ele de fato acreditava. Do contrário, isto é, se o respondente proclamasse suas respostas visando a vitória da argumentação, o propósito do direcionamento à verdade seria perdido.⁶

Outro fator importante que Vlastos utiliza para caracterizar o elenchus é relativa à temática do elenchus, isto é, a investigação de verdades *morais*. A partir disso, se poderia perguntar se a restrição do elenchus ao domínio da moralidade não iria contra a tese que aqui defendo, isto é, a de que o método usado no Teeteto é de fato o elenchus. Isto porque a investigação em voga nesse diálogo diz respeito às questões *epistemológicas* e não às *morais*. Contudo, aqui tomo como pressuposta a visão de Carvalho, o qual afirma que a finalidade primeira do elenchus socrático era a de reformular o caráter virtuoso do interlocutor ao invés de formação de uma doutrina moral positiva (CARVALHO, 2021).⁷

Similarmente, François Renaud (2002) suscita uma característica do elenchus que era defendida também por Vlastos, e que nos auxilia a determinar se as questões morais com as quais Vlastos se referia de fato se tratavam do objeto ou da temática na qual o elenchus era aplicado. Renaud afirma que, para Vlastos, o elenchus não era somente um exame de proposições, mas também da vida dos seus interlocutores. Isso vai à mesma direção que o pensamento de Carvalho, pois segundo Renaud, a maneira como Vlastos vê o elenchus não está relacionada somente ao exame das crenças inconsistentes dos seus interlocutores, mas de sua moralidade de uma forma

⁶ Isto pode ser encontrado em Vlastos (1993). Exemplos de passagens que contém essa restrição de Sócrates podem ser encontradas em: (Górgias, 500b); (República I, 346a); (Críton, 49c-49d).

⁷ Veremos que a posição de Carvalho não é de todo contrária a outras visões contemporâneas sobre o método elênico. Gareth Matthews (2009), por exemplo, defende que a prática do elenchus conduzida por Sócrates era ultimamente uma prática incapaz de gerar teorias filosóficas positivas. Mais sobre isso na seção 2.1.

geral. Sendo assim, tomando a posição menos restritiva de Carvalho, assim como a interpretação de Renaud da obra de Vlastos, como possíveis leituras das finalidades do método elêntico, não é improvável que, de fato, questões epistemológicas estivessem incluídas no âmbito de investigação do método socrático, pensado de forma mais ampla como um estudo das qualidades e virtudes morais do interlocutor.

No entanto, o que aspiro mostrar aqui é que existem motivos para argumentarmos que o método utilizado por Sócrates, apesar de diferir do *elenchus* clássico dos primeiros diálogos, ainda assim pode ser classificado como o método elêntico, pois ainda conserva sua forma clássica de refutação: A refutação da tese (p) do interlocutor é feita por meio do consentimento do interlocutor a premissas adicionais propostas pelo questionador, e que eventualmente culminam no consentimento também da tese contrária à sua tese inicial ($\neg p$). Novamente explícito que apesar de meu objetivo ser o de mostrar que o método utilizado no Teeteto pode ser considerado um *elenchus*, o método apresentado no Teeteto difere do método utilizado nos primeiros diálogos, de maneira que alguns autores, como o próprio Vlastos o considerariam como um método distinto do *elenchus*. O que nos cabe discutir aqui é se tais mudanças seriam suficientes para justificar a defesa de uma descontinuidade entre os métodos dos primeiros diálogos e o método do Teeteto.

2.1 PROBLEMA DO ELENCHUS NO TEETETO

Assim, apresento a seguir um trecho no qual Vlastos claramente demonstra sua opinião de que o método utilizado no Teeteto difere do *elenchus*:

O elenchus no teeteto

Agora, considere o que acontece no Teeteto. A tese simplória que é colocada na boca de Teeteto e tratada como um refutador formal é transformada pelos constructos maravilhosamente inventivos que Sócrates anexa a ela. Assim, no caso de (1), a tese de Teeteto, “conhecimento é sensação”, Sócrates procede para combiná-la com a estranha doutrina metafísica que consiste na visão que ele atribui a Protágoras, a chamando de “a doutrina secreta de Protágoras”. [...] O que Sócrates procede a refutar é uma doutrina a qual de maneira nenhuma poderia ter sido tirada do sistema de crenças de Teeteto. [...] Ninguém sonharia em confundir esses procedimentos com os argumentos peirásticos por meio dos quais Sócrates refuta seus interlocutores nos Diálogos Elênticos. (Vlastos, 1991, p. 266, minha tradução)

Aqui, vemos que Vlastos claramente mostra uma resistência em designar como “elêntico” o tipo de método utilizado por Sócrates no Teeteto. Isso parece se dar principalmente por uma razão: Sócrates não toma a tese inicial de Teeteto e diretamente procede a sua refutação, mas sim desenvolve a tese inicial de Teeteto e, a partir dessa nova versão da tese original, procede a sua refutação. A questão em jogo que Vlastos coloca, e responde negativamente, é: podemos dizer que o método que se sucede após às construções de Sócrates sobre a tese originária de Teeteto é o elenchus, sendo que a refutação não está restringida às afirmações de Teeteto?

Se visamos responder que sim, como planejo fazer neste trabalho, devemos procurar razões para dizer que (i) Teeteto de fato assente com a comparação feita por Sócrates de sua tese com a tese de Protágoras e (ii) mostrar que Sócrates, no final das contas, oferece uma refutação não só a tese de Protágoras, mas também a tese inicial de Teeteto.

Assim, para expor essas duas possibilidades, mostro que o que ocorre na primeira parte do diálogo Teeteto é que (1) Teeteto propõe uma tese inicial a ser refutada por Sócrates; (2) Sócrates compara a tese de Teeteto à doutrina de Protágoras, dá razões para tal comparação assentidas por Teeteto, (3) propõe premissas adicionais assentidas por Teeteto; e por fim (4) demonstra com algumas objeções que a partir das premissas assentidas Teeteto incorre em uma inconsistência (Esses dois últimos passos são tratados na seção *Objeções*).⁸ Com isso, apesar de não rejeitar a possibilidade de se defender que o método em voga no Teeteto não é o elenchus tal como aos moldes dos primeiros diálogos, defendo ser implausível afirmar que não possa, no mínimo, ser uma versão mais rica do elenchus.

2.1.1 MAIÊUTICA E ELENCHUS

Outra motivação que poderia estar por trás da resposta negativa de Vlastos a questão de se o método utilizado no diálogo Teeteto de fato é o elenchus, é a de que Vlastos, baseando-se em Burnyeat faz uma diferenciação clara entre o método *maiêutico* e o elenchus, isto é, enquanto aquele está relacionado ao descobrimento do conhecimento por si mesmo, este se relaciona a atividade adversarial de refutação.⁹ Contudo, existem visões que não necessariamente fazem uma distinção tão restritiva entre os dois conceitos.

Como demonstra François Renaud, quando consideramos uma mera oposição dos dois métodos, isto é, o elenchus como um tipo de *purificação* e a maiêutica como *descobrimto*, podemos incorrer em uma subestimação

⁸ Vale a pena notar que as refutações de Sócrates não são direcionadas somente à tese resultante da combinação do pensamento de Teeteto e Protágoras, mas também diz respeito a tese original de Teeteto, de maneira mais fundamental.

⁹ Ver (VLASTOS, 1993, p. 5, nota de rodapé 19).

da proximidade entre os dois métodos. Na visão de Renaud, que assume uma descontinuidade entre o elenchus dos primeiros diálogos e o método maiêutico do Teeteto, há, contudo, uma proximidade entre os dois métodos. Isto porque o elenchus não deve ser visto como puramente destrutivo, a medida em que a purificação é vista como um primeiro passo em direção ao autodescobrimento. E também, inversamente, o método maiêutico possui um caráter refutativo, pois a tarefa maiêutica final consiste em avaliar se as opiniões externalizadas são viáveis, ou seja, admitido que ideias que não eram viáveis deviam ser abandonadas (RENAUD, 2002).

Dessa forma, apesar de Renaud ainda apresentar uma diferenciação conceitual entre elenchus e maiêutica, utilizando o último para se referir ao método utilizado no Teeteto, é possível ver que existe uma aproximação entre os dois métodos, ao menos quanto a sua finalidade, isto é, a de possibilitar que o indivíduo seja consciente da real natureza de uma opinião ou crença e possibilitar que o interlocutor a aceite ou a rejeite.

Já Yip Mei Loh, por exemplo, considera o elenchus como o modo pelo qual Sócrates realiza seu propósito maiêutico. Isto é, Sócrates, tendo em vista que seu objetivo final era o de auxiliar no nascimento das ideias de seus interlocutores, se utilizava do elenchus como um meio educacional para “estimular seus estudantes a adquirir a iluminação intelectual” (LOH, 2019). Contudo, o elenchus não era um meio somente para o surgimento das teses de seus interlocutores, mas sim também um meio de avaliar a viabilidade das teses. Isso pode ser mostrado no seguinte trecho:

S – [...] Mas depois do parto devemos prosseguir com a festa dos recém-nascidos, de modo a verdadeiramente o envolvermos no argumento, examinando o que está para ser, para não nos passar despercebido se vale a pena alimentá-lo, ou se é todo ele vento

e falsidade. [161a] Ou pensas que é necessário alimentar a todo o custo o que é teu e não o expor? Aguentarás vê-lo refutado e não te irritarás com veemência, se alguém te tirar aquele que é o teu primeiro filho? (Teeteto 160e- 161a)

Por outro lado, na visão do filósofo Gareth Matthews o Teeteto pode ser entendido como “o adeus de Sócrates ao elenchus”, e, se baseando na metáfora da parteira, alega que uma das tarefas de Platão no diálogo é o de afirmar a incapacidade do método de produzir “quaisquer conclusões filosóficas positivas” (MATTHEWS, 2009, p. 448). Na metáfora em questão, Sócrates se compara a uma parteira, a quem ela mesma não pode gerar filhos, mas apenas auxilia no nascimento dos filhos de outras pessoas. Dessa forma, assim como a parteira não pode gerar seus filhos próprios,¹⁰ Sócrates também não podia gerar suas próprias conclusões filosóficas, sobrando a ele o papel de auxiliar no “parto” das ideias de seus interlocutores (Teeteto, 149a-151d).

Contudo, segundo Matthews, há um sentido no qual poderíamos argumentar que nem mesmo o interlocutor, através do método elênico, podia gerar teses filosóficas positivas. Como o método visava eliminar teses filosóficas inadequadas, e como era de costume que os diálogos acabassem em um estado de aporia, é possível defender que o método elênico não possibilitava que se gerassem nenhuma tese filosófica positiva, mas que servisse exclusivamente para refutar teses filosóficas inadequadas.

Dessa forma, vemos que existem razões para distinguirmos, sob um aspecto, a maiêutica como finalidade socrática, do elenchus como seu método para alcançar essa finalidade. Tendo isso em mente, tentarei mostrar,

¹⁰ O trabalho das parteiras era geralmente feito por mulheres mais velhas, que já não podiam mais gerar filhos.

no que segue, que a metodologia dialética utilizada por Sócrates, utilizada no *Teeteto*, ainda reflete as principais características do método elêntico dos primeiros diálogos, conservando duas de suas principais características, isto é, uma natureza refutativa e aporética.

3. PROPOSIÇÃO DA TESE INICIAL

O passo (1), a definição inicial de *Teeteto*, é apresentada nos momentos iniciais de seu diálogo com Sócrates, no qual ele afirma que: “De facto, parece-me que o que sabe algo apercebe aquilo que sabe e, tal como agora parece, saber não é outra coisa que não percepção.”¹¹ (*Teeteto*, 151e-152a.).¹² Aqui, temos a primeira tentativa de definição do conhecimento nesse diálogo. Nela, *Teeteto* afirma em linhas gerais que conhecimento seria equivalente à percepção. Essa tese de *Teeteto* surge a partir da restrição imposta por Sócrates para que *Teeteto* tentasse responder diretamente à pergunta “O que é conhecimento?”. Isto porque, em momentos anteriores, quando confrontado pelo mesmo questionamento, *Teeteto* tenta dar exemplos de ações que ele acredita serem exemplos de conhecimento, ao que Sócrates responde que ele não estava interessado em nomear instâncias de conhecimento, mas sim descobrir o que é o conhecimento (*Teeteto*, 146c-147b).

Vale notar também que essa definição é encontrada logo após Sócrates defender que *Teeteto* responda honestamente a seus questionamentos. Esse é um momento recorrente nos diálogos elênticos, assim como é uma possível evidência de que Sócrates de fato prosseguiria se utilizando de método semelhante aos dos primeiros diálogos. Isto se deve ao fato de que

¹¹ Aqui “percepção” é uma tradução geralmente equacionada com o termo “sensação” advindo do termo grego *aisthesis*.

¹² Todas as citações aqui feitas sobre o *Teeteto* se referem a tradução de Manuel Nogueira e Marcelo Boeri: PLATÃO. *Teeteto*. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Sócrates acreditava ser vital que o interlocutor respondesse honestamente o que acreditava, pois, de modo contrário, o método da refutação falharia em aproximar o interlocutor da verdade por meio da expurgação de opiniões falsas. Isso também pode ser observado em outros diálogos como o *Crítion* (49c – 49d) e *Górgias* (500b) (VLASTOS, 1994, p. 8).

Assim, nesse primeiro momento temos a satisfação do primeiro passo para que se desenvolva um *elenchus*, isto é, a proposição de uma tese do interlocutor para a pergunta “O que é conhecimento?”.

4. A TESE DE TEETETO COMO UMA TESE PROTAGÓRICA

No passo (2) vemos que Sócrates faz uma equiparação da tese de Teeteto com a tese de Protágoras. Aqui parece ser o ponto em que Vlastos deixa de considerar esse diálogo como representante do método elêntico. Primeiramente Sócrates afirma que:

“Contudo, arriskas-te a não teres emitido uma definição trivial sobre o saber, mas sim aquela que diz também Protágoras. O modo é algo diferente, mas diz a mesma coisa, pois afirma que “a medida de todas as coisas” é o homem, “das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são”. (Teeteto, 152a)

Os movimentos lógicos feitos por Sócrates podem ser demonstrados como:

- 1 - Conhecimento é percepção (assumindo a tese inicial de Teeteto).
- 2 - As coisas são para mim como as percebo.
- 3 - Porém, as coisas também são para os outros da maneira em que eles as percebem, o que, frequentemente, difere da maneira como eu as percebo. (O mesmo vento é frio para um e não frio para outro (Teeteto, 152b)).

4 - Logo, o que define as coisas como tais, não seria algo inerente a essas coisas, pois se assim fosse, todos as perceberíamos iguais, mas sim a maneira como nós as percebemos.

5 - Logo, disso se segue que o homem é a medida de todas as coisas (Tese de Protágoras).

A comparação de Sócrates da tese de Teeteto à tese protagórica, parece advir, na verdade, de uma aplicação mais universal da tese original de Teeteto, isto é, advindo de uma generalização do mesmo princípio para outros indivíduos e considerando também suas diferenças subjetivas. Da maneira como é proferida, a tese de Teeteto não considera como a percepção de outras pessoas pode diferir da minha própria, e como diferentes pessoas, poderiam perceber, e segundo a sua tese, conhecer as coisas de maneira diferente. O esclarecimento de Sócrates, apesar de não advir completamente da tese inicial de Teeteto, parece manifestar-se com o intuito de tornar a tese inicial de Teeteto mais geral, e por consequência mais informativa, visto que o aumento da generalidade tornaria a tese, se falsa, mais facilmente refutável.

Além disso, não devemos nos esquecer que Teeteto assente à comparação de Sócrates de sua tese com a tese protagórica no seguinte trecho:

S. - Contudo, arriscas-te a não teres emitido uma definição trivial sobre o saber, mas sim aquela que diz também Protágoras. O modo é algo diferente, mas diz a mesma coisa, pois afirma que “a medida de todas as coisas” é o homem, “das que são, enquanto são, das que não são, enquanto não são”. Leste isto em algum lado?

TEET. - Li, e muitas vezes.

S. — De certa maneira, o que diz é isto [Protágoras]: que cada coisa é para mim do modo que a mim me parece; por outro lado, é para ti do modo que a ti te parece. E tu e eu somos homens, não é assim?

TEET. - É, de facto, assim que ele diz. (Teeteto, 152a)

Esse é o momento da comparação entre as duas teses. Sócrates afirma que poderíamos interpretar que o que Protágoras diz, na verdade, é que: “as coisas são para mim da maneira que eu as percebo”, que dito em outros termos é a tese inicial de Teeteto de que “conhecimento é percepção”. E efetuada essa comparação, Teeteto concorda com a formulação de Sócrates. Podemos ver que a interpretação de Sócrates da tese de Teeteto como uma tese protagórica é de fato uma adição a tese inicial de Teeteto, e que segundo a definição de Vlastos, isto não seria o método do *elenchus* tal como é entendido sob a luz dos primeiros diálogos.

No entanto, acredito que seja plausível defender que o método utilizado aqui é uma forma mais rica do *elenchus*, uma na qual Sócrates analisa não só a tese inicial de Teeteto, mas também sua conjunção com outra tese conhecida, a de Protágoras. E como veremos adiante, Sócrates propõe objeções tanto a tese original de Teeteto (Teeteto, 183c – 187a), como também de suas interpretações como uma tese de Protágoras e Heráclito (Teeteto, 160e – 166b).

5. OBJEÇÕES

São ao total 12 objeções apresentadas por Sócrates para a refutação da tese de que conhecimento é sensação (CHAPPELL, 2022). Neste trabalho, me proponho a analisar objeções suficientes para cumprir o meu objetivo principal, sem me alongar demasiadamente em possíveis respostas dadas às

objeções. Assim, haja vista que visio simplesmente demonstrar que existem tais refutações, e que elas são feitas de maneira suficientemente similar aos elenchus dos primeiros diálogos, a ponto de poderem estar incluídas em uma categorização mais geral de diálogo elêntico, manterei minhas exposições voltadas a demonstração de tais objeções.

No que se segue, analisarei algumas das objeções a tese protagórica, assim como, algumas objeções de Sócrates à tese inicial de Teeteto. Assim, espero demonstrar que através da suscitação de premissas adicionais assentidas pelo interlocutor, no caso, Teeteto, Sócrates consegue demonstrar que a tese defendida pelo interlocutor (tanto a versão de Protágoras quanto a versão inicial) é inconsistente com o conjunto de premissas pertencente ao seu próprio sistema de crenças.

5.1 OBJEÇÃO A PROTÁGORAS

A primeira objeção a Protágoras diz que, uma vez que assumimos a tese protagórica sobre um relativismo em relação às diversas percepções, isto é, já que uma é incomensurável a outra, não podendo uma ser nem mais verdadeira e nem mais falsa do que a outra, se considerarmos as percepções de outros animais, isso significaria que a percepção dos animais não é menos verdadeira que a percepção humana. Defender isso, na visão de Sócrates, é uma posição absurda (Teeteto 160e–161d). Contudo, como Chappell (2022) argumenta, essa objeção pode ser facilmente atacada, pois, se considerarmos as percepções elas mesmas, não há necessariamente razão para preferir percepções humanas em detrimento de percepções animais. Pelo contrário, existem casos nos quais poderíamos considerar que percepções animais são preferíveis em comparação às humanas, como o olfato ou audição canina, por exemplo. Obviamente Sócrates não se satisfaz com apenas uma objeção

e segue a investigação que eventualmente irá culminar na objeção final, esta direcionada a tese original de Teeteto.

A segunda objeção apresentada por Sócrates destinada à tese de Protágoras se encontra no seguinte trecho, no qual Sócrates questiona:

S - Pois, se a verdade é para cada um o que opina através da percepção e ninguém pode julgar a experiência de outro melhor que ele, nem ninguém será melhor a examinar a opinião de um outro, se é correcta ou falsa. E, se o que muitos dizem é que cada um, sozinho, terá as suas próprias opiniões, todas correctas e verdadeiras, então, meu amigo, como é que Protágoras é sábio, a ponto de também ser considerado mestre de outros, justamente, com um grande salário, enquanto nós somos muito ignorantes e devemos ser seus alunos, se cada um é a medida da sua própria sabedoria? (Teeteto, 161d.)

S - Diz-me, pois, Teeteto, em relação ao que sustentámos ainda agora (161d), não te espantas também, se imprevistamente declarar não seres nada inferior, em sabedoria, a qualquer dos homens ou dos deuses? Ou achas que a medida de Protágoras se aplica menos aos deuses que aos homens? (Teeteto, 162c.)

Ao que Teeteto responde:

TEET - Por Zeus! Eu não! E, quanto ao que me perguntas, espanto-me muito. Pois quando explicávamos de que modo o que parece a cada um é como lhe parece a ele, a coisa pareceu-me muito bem explicada, mas agora rapidamente se tornou no oposto. (Teeteto, 162c – 162d.)

Aqui vemos um exemplo no qual Sócrates apresenta um argumento, que está fundamentado no assentimento do interlocutor em premissas anteriores, e que conduz a interpretação da tese de Teeteto como uma tese

de Protágoras, a uma inconsistência. A argumentação basicamente conclui que se assumirmos a premissa do relativismo do conhecimento, advinda da tese protagórica, então devemos concluir que nenhum homem é mais sábio que outro homem.

Além disso, esse trecho também inclui a terceira objeção de Sócrates à tese de Protágoras. Isto é, tendo em vista que a tese de Protágoras se aplica tanto a homens como aos deuses, também poderíamos concluir que os homens são tão sábios quanto os deuses. Ambas as teses parecem contradizer as crenças prévias de Teeteto, que afirma, com espanto, que o assunto haveria ganhado maior grau de dificuldade. No entanto, assim como na comparação da percepção humana com a percepção animal, Chappell (2022) afirma que a objeção de Sócrates falha, pois contanto que consideremos tanto humanos quanto divindades como simplesmente “observadores”, não haveria razão para preferir percepções divinas às percepções humanas.

Há, ainda, mais uma objeção a tese de Protágoras, essa, na verdade, apresentada como um diálogo entre Sócrates e Teodoro. A objeção segue a seguinte linha de raciocínio: assumindo que a tese protagórica afirma que “todas as crenças são verdadeiras”, e assumindo também que exista uma crença que expresse o conteúdo de “nem todas as crenças são verdadeiras”, a tese protagórica entra em contradição. Isto porque se tomamos como verdadeiro que todas as crenças são verdadeiras, então também é verdadeira a crença que “nem todas as crenças são verdadeiras”, contradizendo a primeira crença.

Dessa maneira, com as objeções apresentadas vemos que de fato existem tentativas de refutação da tese protagórica desenvolvidas por Sócrates. Se aspiramos assumir uma visão menos restritiva do elenchus, isto é, se admitimos que a tese examinada pode ser uma construção feita tanto

pelo respondente como em conjunção desse com o questionador, acredito que a partir da exposição dessas objeções à tese protagórica, já teríamos razões suficientes para defender tal posição. Contudo, na próxima seção trato do problema mais central à visão de Vlastos: a questão de se Sócrates de fato constrói objeções à tese original de Teeteto.

5.2 OBJEÇÃO À TESE ORIGINAL DE TEETETO

Nessa seção apresentarei algumas das objeções que Sócrates apresenta à tese central de Teeteto, isto é, a de que conhecimento é igual à percepção. Primeiramente, podemos situar as primeiras objeções à tese original de Teeteto como uma sequência de quatro objeções que Sócrates desenvolve se centrando na criação de contraexemplos contra a ideia de que percepção seja conhecimento (Teeteto, 163a – 168c). Vale ressaltar que aqui não intento mostrar as respostas que o próprio Sócrates desenvolve a essas objeções, pois nos interessa somente mostrar que ele de fato desenvolve objeções à tese original de Teeteto, contrariando a ideia de Vlastos.

A primeira delas concerne a ideia de que se percepção é igual ao conhecimento, então devemos concluir que qualquer pessoa que perceba uma afirmação em uma língua em que ele não conheça, têm conhecimento do conteúdo daquela afirmação, o que, claramente, não é o caso. Essa objeção tem relevância, pois a tese de Teeteto não faz nenhuma restrição sobre a necessidade do entendimento, por exemplo. Isto é, não existe uma necessidade de que eu, ao ouvir uma língua, entenda o que de fato esteja sendo dito para poder conhecer seu conteúdo. A tese de Teeteto simplesmente afirma que dado que uma pessoa perceba, logo ela tem conhecimento, o que de fato é problemático no caso apresentado por Sócrates.

A segunda objeção diz respeito à memória. Da tese de Teeteto, assim como podemos concluir que se há percepção há conhecimento, logicamente podemos concluir que se não há percepção não há conhecimento. Contudo, a medida em que percepção e conhecimento sejam as mesmas coisas, através da memória podemos nos recordar destes conhecimentos. Por isso, imagine que um indivíduo perceba um objeto X, e como consequência da teoria de Teeteto, passe a conhecer X. Após isso ele fecha os olhos e assim, não têm mais percepções sobre X. Consequentemente, como memória difere de percepção, também não tem mais conhecimento sobre X. Assim podemos concluir que alguém que tenha percebido X, e por consequência conhecido X, mesmo que se recorde de X, não têm, na verdade, como conhecer X, se ele depende no momento apenas da memória, o que parece absurdo.

Já a terceira objeção, a objeção do olho tapado, diz respeito ao seguinte tipo de caso. Imagine que você tampa um de seus olhos. Com o olho que permanece não tapado, você percebe um copo. Contudo, com o olho que está tapado, você, obviamente, não percebe nada. Ora, se conhecimento é igual à percepção, nós seríamos obrigados a concluir que o mesmo indivíduo consegue conhecer e desconhecer o copo ao mesmo tempo, haja vista que ele percebe o copo e não o percebe ao mesmo tempo.

A quarta objeção diz respeito a existência de gradações perceptivas e sua não correspondência a gradações de conhecimento. Dessa maneira, uma pessoa pode ver um objeto de maneira mais nítida ou menos nítida. Contudo, essas gradações não se aplicam a maneiras de se saber de algo, de maneira que se percebo um objeto com grau baixo de nitidez, isso não quer dizer que o conhecerei também com baixo grau de clareza. Conhecer, por outro lado, por estar relacionado a condições de verdade ou falsidade, não admite gradações.

Por fim, temos o trecho em que Sócrates coloca sua objeção final à tese inicial de Teeteto, que pode ser visto como se seguindo de dois movimentos. Primeiro Sócrates coloca a questão de que existem conceitos os quais não podem ser obtidos através da percepção, e sim somente através da alma:

S. — [...] Mas através de quê, age aquela força que te revela o que é comum a todas estas e a estes, pelo qual define o que “é” e o que “não é”, e com o qual dá uma resposta a todas as perguntas que colocávamos ainda agora? A todas estas, a que órgãos atribuis aquela parte de nós através da qual sentimos, que se apercebe de cada coisa?

TEET. — Estás a referir-te, à entidade e ao não ser, à semelhança e à diferença, ao mesmo e ao outro, e também à unidade e aos outros números. É evidente que também perguntas pelo par e ímpar e tudo quanto se segue a esses, através de que partes do corpo percebemos com a alma.

S. — Segues-me muito bem, Teeteto, e é isso mesmo que te pergunto.

TEET. — Mas, por Zeus, Sócrates, eu cá não poderia dizer mais, excepto que me parece que o princípio é que não há nenhum órgão especial para isto ou para aquilo, mas acho que é, ela própria, através de si própria, que a alma investiga o que há de comum em tudo.

S. — Tu és belo, Teeteto, e não feio, como dizia Teodoro, pois aquele que fala bem é belo e bom. E além da beleza com que me falaste, fizeste-me o favor de me pouparem uma longa discussão, se é isso que achas, que a alma investiga umas coisas através de si própria e as outras através das potências do corpo. Pois é assim que me parece e gostaria que fosse também a tua opinião.

TEET. — Mas é claro para mim.

S. - E em qual destes dois tipos colocas a entidade? Pois é esta o que mais aparece em tudo.

TEET. — Eu cá coloco-a naquele a que a alma chega por si própria. (Teeteto, 185c – 186^a.)

Após isso, Sócrates tira a conclusão de seu argumento, indicando a Teeteto que considerando as premissas aceitas anteriormente, isto é, de que existem conceitos conhecidos somente através da alma, que conhecimento não pode se igualar à percepção.

S. — Então, que nome dás àquilo: ao ver, ao ouvir, ao cheirar, a ter frio e a ter calor?

TEET. — Chamo ter uma percepção. Que outra coisa poderia ser?

S. — Chamas ao conjunto percepção?

TEET. — Necessariamente.

S. — À qual, dissemos, não corresponde alcançar a verdade, nem a entidade.

TEET. - Pois não.

S. — Nem o saber.

TEET. - Também não.

S. — Portanto, Teeteto, percepção e saber não seriam o mesmo.

TEET. — Parece que não, Sócrates. Agora parece bastante evidente que saber é algo diferente de percepção. (Teeteto, 186d – 187a.)

Dessa forma, Sócrates leva o Teeteto, a partir de sua tese inicial de que conhecimento é igual à percepção, à conclusão oposta de que conhecimento não pode ser igual à percepção, por existirem elementos do conhecimento, como, por exemplo, os conceitos de “existência”, “identidade” ou “diversidade”, que não podem ser adquiridos somente através da percepção, mas sim que dependem também do pensamento.

A partir desses dois exemplos de objeções levantadas por Sócrates, fica claro que Sócrates leva o Teeteto, não somente a duvidar da tese de Protágoras, com a qual sua tese inicial foi comparada, mas também de sua própria tese inicial. Obviamente a estratégia de alusão a uma tese protagórica possibilitou Sócrates a desenvolver mais objeções a tese geral de que “conhecimento é percepção”, mas isso não obscurece o fato de que, no final das contas, Sócrates oferece um argumento que visa salientar possíveis defeitos na tese inicial de Teeteto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, concluo que existem motivos para defendermos que o método utilizado por Sócrates no diálogo do Teeteto, apesar de diferir da ideia clássica de *elenchus* tal como é tido nos primeiros diálogos, também pode ser considerada um método elêntico, pois ainda conserva sua natureza refutativa. Isto é, a partir da tese inicial do interlocutor, Sócrates obtém, através da suscitação de premissas adicionais, uma conclusão que refuta a tese primeiramente colocada pelo interlocutor.

Também vale ressaltar que aqui me detive somente a primeira parte da definição de conhecimento do diálogo, pois, primeiramente, acredito que uma investigação completa do método utilizado no Teeteto escaparia o escopo deste trabalho. E em segundo lugar, o foco na primeira parte do diálogo foi preferida, pois achei mais pertinente me focar no exemplo utilizado por Vlastos para afirmar sua tese negativa em relação à utilização do *elenchus* nesse diálogo.

Assim, concluo também que o desenvolvimento de Sócrates da tese inicial de Teeteto, tida por Vlastos como uma característica central para a desqualificação do método como não-elêntico, se dá como uma característica

que enriquece as objeções produzidas por Sócrates ao final desse primeiro momento, e que reflete o direcionamento maiêutico do diálogo. Sócrates fornece argumentos que visam objetar tanto a tese de Protágoras, assim como a tese de Teeteto, o que não modifica a dinâmica do método a ponto de que seja necessário considerar um método distinto do método elêntico promovido nos primeiros diálogos de Platão. Afinal de contas, o objetivo principal relacionado ao método do *elenchus* que seria a busca pela verdade, ainda se confirma pela eliminação da proposta inicial de que conhecimento pode ser igualado à percepção.

REFERÊNCIAS

- CARPENTER, M.; POLANSKY, R. Variety of Socratic Elenchi. In: *Does Socrates Have a Method?*. 1 ed., Pennsylvania: Penn University Press, 2021. 89–100.
- CARVALHO, John. Certainty and Consistency in the Socratic Elenchus. In: *Does Socrates Have a Method?*. 1 ed., Pennsylvania: Penn University Press, 2021. 266–280.
- CHAPPELL, Sophie-Grace. *Plato on Knowledge in the Theaetetus (Stanford Encyclopedia of Philosophy)*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/plato-theaetetus/>>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- FERREIRA, G. R. B. A. *Conhecimento como Juízo Verdadeiro com Logos no Teeteto de Platão*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.
- HALL, R. Dialectics. In: *Encyclopedia of Philosophy*. 1 ed., New York: MacMillan Publishers, 1967. [s.n.].
- LABRIOLA, D. Philosophy in the Theaetetus. *Archiv fur Geschichte der Philosophie*, Berlin: Walter de Gruyter GmbH v. 97, n. 4, p. 397–415, 2015.
- LOH, Y. M. Socrates' Mythological Role in Plato's Theaetetus. *International Journal of Humanities and Social Science*, Delhi: Seventh Sense Research Group, v. 11, n. 2, p. 343–346, 2017.

- MATTHEWS, G. B. Whatever Became of the Socratic Elenchus? Philosophical Analysis in Plato. *Philosophy Compass*, London: Wiley-Blackwell Publishing Ltd., v. 4, n. 3, p. 439–450, 2009.
- PLATÃO. *Teeteto*. Tradução de Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 4 ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- RENAUD, François. Humbling as Upbringing: The Ethical Dimension of the Elenchus in the Lysis. In: *Does Socrates Have a Method?*. Pennsylvania: Penn University Press, 2021. 183–198.
- SILVA, J. B. *A Maiêutica Socrática no Teeteto de Platão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande. 2017.
- VLASTOS, G. *Socrates, ironist and moral philosopher*. 1 ed., Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- VLASTOS, G. *Socratic Studies*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.